

## ARI BARROSO

ARI, GRIPADÍSSIMO, ACHA QUE NENHUM DOS COMPOSITORES ATUAIS ESTÁ AINDA DEFINIDO — «HOJE É SEMPRE: SILVIO CALDAS» — COMO FORMARIA O ESCRETE DOS TRÊS ESCRETES (1938-1950-1954) — TREZENTOS MIL CRUZEIROS ANUAIS DE RENDA AUTORAL E NOITES INTEIRAS, SEM DORMIR, «COM A CABEÇA CHEIA DE TRATORES».

Reportagem de ANTÔNIO MARIA

**Q**UANDO se vai escrever sobre Ari Barroso, é necessário tomar certas precauções para que, ante o seu magnetismo pessoal, não se cometa a facilidade do elogio generalizado. Ari é um homem cheio de erros e acertos que, embora tenha feito coisas lindas (mais das vezes) fez coisas sem beleza, também. Não se lhe negue, todavia, uma grande e rara personalidade, capaz de anular quem à sua volta esteja, com ele, fazendo côro. Vive de uma aguda sensibilidade, que se derrama em suas fabulosas melodias, conhecidas aqui como na China. Ninguém, até hoje, fez, em música e pela música do Brasil, o que fez esse mineiro inquieto, vagotônico até à medula, trabalhador incansável do seu êxito em vida e da imortalidade da sua obra. Sua passagem à posteridade é certa e merecida. Se daqui a 50 anos, ninguém por aqui se lembrar mais de sua «aquarela», um escocês será capaz de tocar, em gaita de fole, a grande melodia da segunda parte. Viaja de trem, vindo de São Paulo para o Rio. Está gripado e bebe «cognac». Tira os óculos, esfrega as mãos no rosto (o rosto de pele mais seca, que existe) e está cheio de projetos. Espera, ansiosamente, por um busto em Ubá, uma medalha de «Honra ao Mérito» e uma volta gloriosa à Câmara Municipal. Queixa-

se de que não dorme. Conta que se deita e, em sua cabeça, rodam tratores e chocam-se automóveis. Pensa no filho, que foi caçar, e o vê com a espingarda apontada no peito de um companheiro. Levanta num salto, olha o relógio e sente, no silêncio da noite, que a maioria é mais feliz, porque está dormindo. Ao descobrir que estava sendo entrevistado, Ari muda de ar, posa um pouco, assim como quem ajeita a gravata diante da máquina fotográfica. Com aquele incontrolável embevecimento por si mesmo, começa a falar da sua meninice: «Em Ubá, eu era elegante e pobre. Roupas baratas e bem passadas. Só não podiam ser lavadas, porque encolhiam». E foi tirado dessa macia divagação (que iria longe) para um ajuste de contas. A primeira parte de sua entrevista seria sobre música e ele-lo pensando e pesando cada uma de suas respostas:

P — Quais os dois maiores compositores do Brasil em todos os tempos?

R — Eduardo Souto e Ernesto Nazareth.

P — E hoje em dia, quem é que é bom?

R — Vacilo em dizer, porque não houve ainda um só que se definisse.

P — E Dorival Caymmi?

R — Veio ruim da Bahia e melhorou no ca-

minho. Em «O que é que a baiana tem» há muito do meu «Tabuleiro da Baiana». Há outra música que chega a ter uma frase inteira do meu «Onde o sol doura as espigas». Mas, melhorou muito. Em muitas vezes, chegou a ser genial.

P — E Noel Rosa?

R — Se você publicar o que eu vou lhe dizer, eu desminto. (E discorreu, durante uns 15 minutos, sobre Noel Rosa).

Nota do repórter: Está cumprida a promessa feita.

P — Agora, vamos falar das cantoras: Quem foi que já cantou melhor a música popular brasileira?

R — Dircinha Batista.

P — E, atualmente, quem é que canta a seu gosto?

R — Ângela Maria.

P — E dos homens?

R — Hoje e sempre: Silvio Caldas.

● Em sete respostas, estava liquidada o assunto-música. Definia-se o homem através de suas preferências, críticas e omissões. E mudamos de assunto, antes que o entrevistado pedisse para não publicarmos o que dissera. Entramos no terreno do futebol. Ari acompanhou





ARI, ALMIRANTE E BLOTA JÚNIOR: TRÊS INSTANTES (BONS) DO RÁDIO BRASILEIRO

o futebol brasileiro em quase 20 anos de microfone. Nenhum «speaker» esportivo foi tão ouvido e tão discutido. Nunca foi empolado, sabendo falar a mesma linguagem dos ouvintes. Ninguém poderá esquecer sua gaitinha, que tocava quando havia «goal». Deixou o microfone (porque quis) e ainda não foi devidamente substituído.

P — Qual foi o melhor escrete brasileiro: o de 38, o de 50 ou o de 54?

R — O de 38.

P — Você acredita no técnico?

R — Até certo ponto.

P — Qual o melhor dos 3 técnicos: Pimenta, Flávio ou Zezé Moreira?

R — Todos iguais, cada um dentro de sua época.

P — Então, hoje, Zezé é melhor do que Flávio?

R — Tanto é, que está mandando no escrete.

P — Qual o melhor «goal-keeper» do Brasil, em todos os tempos?

R — Batatais.

P — E o zagueiro?

R — Da Guia.

P — E o médio?

R — Zezé Procópio.

P — E o atacante?

R — Zizinho.

P — E como você formaria o escrete dos três escretas (38-50-54)?

R — Batatais, Da Guia e Nilton Santos; Zezé Procópio, Martim e Bauer; Julinho, Zizinho, Leônidas, Perácio e Hércules.

Nota do repórter: Encontramos sete jogadores do selecionado de 1938; um de 1950; um de 50 e 54 (Bauer) e dois de, apenas, 54 (Julinho e Nilton Santos).

★

● Outra vez candidato à «gaiola de ouro», está mandando fazer suas piixas com estes dizeres, espécie de «aleguá»: «A Ari Barroso nada? E espera que todos respondam: «Tudo».

P — Gostaria de chegar à Presidência da República?

R — Não há mais tempo (respondeu com súbita tristeza).

P — O que acha do sr. Getúlio Vargas?

R — O Fim.

P — E quem é o seu candidato à Presidência?

R — Ademar de Barros.

P — E, a seu ver, qual foi o pior governo do senhor Getúlio Vargas — o de 15 anos ou este de 5?

R — Os dois péssimos.

P — E por que você quer voltar a ser vereador?

R — Uma questão de fôro íntimo.

P — Se, hoje, fôsse vereador, que projetos gostaria de lançar?

R — Dois: a criação de um Instituto de Educação, na zona sul, e um mercado Modelo, na zona norte.

★

● A nossa frente Ari Barroso continuava gripado. O seu convívio é uma arma poderosa. Quer-se bem a ele e, de vez em quando, muito. Agora, por exemplo, está merecendo um re-



Ari, senhora e filhos. O compositor de «Aquarela do Brasil» mora num pequeno palácio, no Leme.

médio de ação instantânea. Alguém sugere «Arnela» e Ari prontifica-se a fazer o «jingle» do produto:

«Essa mulher há muito tempo me provoca Arnela... Arnela»

A conversa entra para um tom mais ameno e, aos poucos, vai tomando um ritmo de ping-pong.

P — Se você nascesse outra vez, queria ser quem?

R — Walter Pinto.

P — Por quê?

R — Barcos, Cadillac, mulheres lindas, dinheiro, vida macia.

P — Quais são as 5 pessoas de melhor conversa neste Brasil?

R — Araci de Almeida, Luís Peixoto, Heber de Bôscoli, José Scassa e Dario de Melo Pinto.

P — Quem é a pessoa em que você reconhece autoridade sobre você?

R — Minha mulher, e só.

P — Sendo você habituado ao êxito, suportaria, agora, passar ao esquecimento?

R — Eu enlouqueço quando custo a ver meu nome nos jornais. Imagine, você, eu esquecido para sempre.

P — Gostaria de viver até quando?

R — Até quando não ficasse ridículo.

● Este homem é Ari Barroso: compositor, «speaker» esportivo, político e vagatônico. Trabalha muito, pensa muito na mulher e nos filhos. Ganha cêrca de 80 mil cruzeiros mensais, sem contar com os direitos autorais, que vão a 300 mil cruzeiros anuais (segunda declarações suas). É o compositor nacional mais divulgado no mundo e, do pouco que se fala no Brasil além das nossas fronteiras, muita coisa é por causa de sua música.

Para ele, só dois compositores existiram: Nazareth e Eduardo Souto, ambos mortos e nenhum dos dois de fácil popularização. Dos vivos ou daqueles cuja obra sobreviveu, vacila em falar ou diz coisas com esta ressalva: «se publicar, desmentirei». Este senhor é, exatamente, o Ari Barroso de hoje.